

“POR QUE EU TINHA QUE NASCER ASSIM, PRETA, POBRE E IGNORANTE? As representações das trabalhadoras domésticas em *Domésticas*: O filme.¹

Rosana de Jesus dos Santos²

Resumo

O trabalho doméstico remunerado tem sido objeto de um razoável número de pesquisas. O interesse acadêmico pelo tema se deve ao fato de que a atividade no Brasil ocupa grande número de pessoas. No entanto é desprestigiada culturalmente, o que acarreta na sua desvalorização econômica e social. O desprestígio é resultante das relações de poder vigentes na sociedade, que hierarquizam as posições segundo critérios de gênero e classe e etnia, é uma atividade caracterizada pela predominância de mulheres pobres e negras que são treinadas desde a infância para exercê-la.

Palavras-chave: Trabalho Doméstico. Relações de Poder. Gênero

Abstract

The paid domestic work has been the object of a reasonable number of searches. The academic interest in the subject is due to the fact that activity in Brazil occupies a large number of people. However it is culturally discredited, resulting in their economic and social devaluation. The resulting prestige is ongoing relations of power in society, which hierarchize positions according to criteria of gender and class and ethnicity, is an activity characterized by the predominance of poor black women who are trained from childhood to exercise it.

Keywords: Housework. Power Relations. Gender.

O trabalho doméstico remunerado é desempenhado por grande parcela da população feminina na América Latina e Caribe, sendo 18 milhões de mulheres envolvidas nestas atividades o que compõe o percentual de 15% das mulheres ocupadas na região. O relatório da OIT que traz estes dados também demonstrou que 10 a 15% das casas latinoamericanas contam com apoio doméstico remunerado, entretanto os salários recebidos pelas trabalhadoras domésticas são menores que os salários destinados a outros trabalhadores e as jornadas de trabalho não são definidas.³

¹ Esse texto foi apresentado no I Seminário Nacional de Pesquisa em História Social: *Mídias Gênero e Poder* realizado entre os dias 03 e 05 de Abril de 2013 na Universidade Estadual de Montes Claros.

² Professora de ensino básico na rede estadual em Montes Claros-MG, mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

³ *Quase 20 milhões de pessoas realizam trabalho doméstico remunerado na América Latina* Publicado no site: OIT - Organização Internacional do Trabalho - Escritório no Brasil, 2013. Disponível em : <<http://www.oit.org.br>> acesso em: 20/05/2013

Em se tratando do Brasil, as domésticas compõem um grupo que tem sua trajetória marcada pela desigualdade oriunda das relações desiguais de gênero, classe e etnia. São mulheres pobres que deslocam de suas próprias residências para prestar serviços domésticos em casa de outrem não sendo bem remuneradas, o que inviabiliza a manutenção de suas próprias unidades domésticas, visto que muitas, quiçá a maioria, são responsáveis pela criação e educação dos filhos e filhas e manutenção de outros dependentes. Assim se dá a reprodução estratificada da pobreza e da desigualdade social conforme demonstra Jurema Brites.⁴

O reconhecimento do trabalho doméstico como profissão no Brasil só se deu em 1972 após intensa mobilização da categoria em associações e movimentos de reivindicação iniciados no início da década de 1960. No entanto não houve equiparação entre a categoria e as demais profissões, sendo que as trabalhadoras domésticas ainda não gozam de todos os direitos que os demais trabalhadores desfrutam. Ao longo do tempo algumas reivindicações foram sendo atendidas, a mais recente conquista foi a votação favorável pelo senado da chamada PEC das domésticas, proposta de emenda à constituição que garante 16 direitos trabalhistas para domésticas e domésticos, incluindo FGTS obrigatório, regulamentação de jornada de trabalho de 8 horas semanais, licença maternidade dentre outros.

Além desse histórico de exclusão das trabalhadoras domésticas dos direitos trabalhistas, pesa sobre as mesmas, imagens negativas acerca da profissão. Muitas relatam o desprestígio social sofrido, sendo que em alguns casos não se auto-declaram domésticas temendo o opróbrio social, o que dificulta a participação em movimentos sociais do grupo.

Um dos objetivos deste texto é compreender quais tipos de imagens são construídas sobre as domésticas na mídia. Considerando que esta tem um papel fundamental na construção de conhecimento social; a TV, a publicidade, a música, a internet e o cinema constroem representações sobre os grupos sociais e as reiteram. Assim desempenham importante função na produção e disseminação de um saber sobre estes grupos. Lembrando que conforme Michel Foucault poder e saber estão

⁴ BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: Gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cadernos Pagu* (29), julho-dezembro de 2007.

interligados, sendo que “o poder se exerce sobre a vida imediata, que classifica os indivíduos em categorias, (...) os prende à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que lhes é necessário e que os outros devem reconhecer-lhes”.⁵ Consideramos que a mídia também é espaço de relações de poder, no qual é produzido saber sobre a sociedade e os grupos que a compõem.

Pretendemos discutir neste breve estudo as representações das domésticas no cinema nacional através da análise de *Domésticas*, o filme. Destacamos não ser uma abordagem que pretende desqualificar a obra artística, não sendo nossa especialidade analisar o mérito do filme enquanto arte cinematográfica. Tomamos o filme como uma fonte histórica, um texto com suas características próprias, linguagem peculiar composta por elementos vários, mas que acima de tudo é produto de uma dita sociedade e por isso passível de análise histórica. Foi produzido por pessoas que compõem uma rede de relações sociais e, portanto, compartilham as ideologias e representações sociais do grupo social ao qual pertencem.

A categoria gênero permitiu ampliar a compreensão dos processos de subjetivação que se dão na relação entre receptores/as e a mídia. Tornou possível analisar como as identidades de gênero, construídas socialmente, têm a mídia como enunciadora de modelos e posições de sujeito. Segundo Teresa de Lauretis: “O gênero como representação e autorepresentação é produto de diferentes tecnologias sociais como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como práticas da vida cotidiana.”⁶

Lembrando que as identidades são múltiplas e fragmentadas como nos lembra Stuart Hall⁷, acreditamos ser necessário compreender de que forma o cinema atua na construção de representações das trabalhadoras domésticas, buscando entrever os efeitos práticos dessas representações na construção das identidades dos receptores e das receptoras. Segundo Denise Jodelet as representações “circulam nos discursos, são

⁵ FOUCAULT, Michel (1986) *apud* MACHADO, Liliane Maria Macedo. *E a mídia criou a mulher: Como a TV e o cinema constroem o sistema sexo-gênero*. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2006, p.19.

⁶ LAURETIS, Tereza de. Tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.208.

⁷ HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. 2009, p.46.

trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas; cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais.”⁸

Domésticas, o filme foi lançado em 2001, dirigido por Fernando Meireles e Nando Olival, baseia-se na peça homônima de Fernanda Melo, que realizou entrevistas com mulheres que atuam como domésticas. São seis as mulheres que aparecem no filme: Cléo, mulher negra e religiosa que se dedica ao trabalho doméstico e deseja que a filha siga o mesmo caminho, pois acredita que é uma sina da família. Roxane, que sonha em ser modelo, pois é “clara” de olhos azuis e não se considera doméstica. Quitéria jovem negra que troca de serviço constantemente, pois não se adapta às casas. Rai (Raimunda) que não gosta do nome e sonha em conseguir um marido e por fim Cida, a única casada, trabalha durante o dia e volta para casa à noite, encontrando o marido sempre “parado” sentado no sofá como um morto, sonha com um marido mais carinhoso que a proporcionasse alegrias matrimoniais para que assim tivesse ânimo para o árduo trabalho durante o dia. E por fim a coadjuvante Zefa que trabalha e mora no mesmo prédio que Roxane, é negra e idosa e parece ter sempre morado em casa dos patrões.

Domésticas o filme tem um tom de denúncia social, característica marcante nos filmes de Fernando Meirelles. No entanto, como qualquer fonte histórica, comporta representações sociais, isto é, “formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas (...) que contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”⁹ As trabalhadoras domésticas são mostradas a partir do conhecimento social compartilhado pelos diretores, roteiristas e demais profissionais envolvidos na produção da obra. Aparecem como mulheres cômicas, ingênuas, inábeis, das quais se deve rir, cujas existências restringem-se a servir aos patrões e patroas em casa destes, e quando muito ao marido em suas próprias casas.

O filme já começa a dizer quem são as domésticas durante a exibição dos créditos, estes aparecem na tela escrita numa letra débil de pessoa semi alfabetizada, e são narrados pela voz de Rai, fraca, tímida, titubeante, com pronúncia cheia de erros apresentando dificuldade para pronunciar termos estrangeiros. Ao longo do filme as personagens carregam no sotaque do interior e cometem inúmeros erros de pronúncia.

⁸ JODELET, Denise (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ 2001, p.17

⁹ JODELET, Denise. *Op. cit.*, p.22

A intenção provavelmente é criar efeito de realidade, no entanto desconsideraram-se transformações que já se enunciavam no momento em que o filme foi lançado, as domésticas têm buscado se qualificarem, sendo que em 2002 um percentual de 12,7% das trabalhadoras domésticas concluíram o ensino médio e 0,7% o ensino superior. Em 2011 esses números subiram para 23 % e 1,3% respectivamente.¹⁰

Voltando um pouco no tempo poderá se perceber que já no início da década de 1960 as domésticas organizavam congressos nacionais, militavam em associações, lutando por seus direitos. Ou seja, a ideia de que todas as domésticas são analfabetas e excluídas do acesso à educação é uma falácia, que, no entanto é compartilhada socialmente, compondo o conjunto dos elementos que compõem as representações das domésticas. Sendo repetidas nos meios midiáticos, aqui em específico o cinema, podendo ser observadas nas novelas brasileiras e programas humorísticos, acaba tornando-se uma verdade sobre o grupo.

Estas representações têm uma função política que é tornar as empregadas domésticas estereotipadas, risíveis, e assim silenciá-las politicamente. Concordamos com LAURETIS quando esta diz: “Gênero é (uma) representação (...) O que não significa que não tenha implicações concretas ou reais tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas”.¹¹ Tais representações têm efeitos reais na vida das trabalhadoras domésticas, o que em parte explicaria a negação de muitas em se auto declararem domésticas, a demora dos legisladores em tomar decisões legais que as beneficiem e a precariedade salarial enfrentada pelas mesmas:

No ano de 2007, o rendimento mensal da ocupação principal das/os trabalhadoras/es domésticas/os correspondia a 40,2% daquele auferido pelas outras categorias, sendo que, para as mulheres negras, o rendimento correspondia a 38, 2% dos rendimentos das/os demais trabalhadoras/es.¹²

O filme intercala tomadas cinzentas e coloridas. Nas primeiras as mulheres, geralmente estão no ônibus, da janela olham a cidade e refletem sobre o mundo, suas

¹⁰ Data Popular 08 janeiro de 2013.

¹¹ LAURETIS, Teresa de. Op. cit., p.209.

¹² Relatório da Organização internacional do trabalho, 2010.

vidas e narram suas experiências, como a chegada à cidade grande. Nas tomadas coloridas elas estão nas casas onde trabalham desempenhando suas funções diárias que são múltiplas, lavar, passar, arrumar a casa, passear com os cães e até consertar antenas de TV. A primeira que narra sua vida da janela do ônibus é Cléo (Ela é filmada de cima para baixo dando um close nos olhos, que estão tristes assim como a voz) ela reflete sobre o destino das pessoas, cada pessoa nasceria para desempenhar determinado papel:

Uns nasce rico, outros pobre, uns preto, outros branco, nasce bicha, nasce homem, nasce mulher. Porque eu tinha que nascer assim pobre, preta e ignorante. Minha bisavó foi escrava, minha avó foi doméstica, minha mãe quando eu nasci ela disse que preferia me ver morta do que empregada doméstica. Eu sou doméstica.

A fala de Cléo apresenta a ideia de que a profissão de doméstica é algo aviltante e por isso legado à mulher negra. Como se fosse inerente ao corpo da negra a condição de doméstica. Ela teria nascido “preta pobre e ignorante” e por isso ontologicamente doméstica. Cléo mora na casa dos patrões e dorme num quarto improvisado no mesmo cubículo onde a roupa é passada, conjugado à cozinha, a cama é dobrada durante o dia e montada à noite. Ao longo do tempo passou a acreditar que esse é seu destino bem como o de sua filha. Quando esta decide seguir outro caminho não é apoiada pela mãe que a obriga a olhar os filhos da patroa. A filha foge e Cléo passa todo o filme à sua procura.

Discursos que reiteram a desigualdade de gênero, classe e etnia estão presentes no filme. “Ser” doméstica é algo degradante, mas inerente à mulher pobre e negra, não se lhe apresentando outra opção. É o que transparece na fala de Cléo. Percebemos que o exercício da função se transforma em identidade, quando não, em essência, Cléo conclui seu relato da trajetória das mulheres negras de sua família ao afirmar: Eu sou doméstica. E no início da fala apresenta a razão de “ser” doméstica. “Eu nasci assim preta, pobre e ignorante”. Aqui temos a linguagem cinematográfica reiterando um conhecimento social compartilhado, ou seja, uma representação social da mulher negra. Conforme LAURETIS o sujeito social que emerge da teorização feminista é :

Um sujeito constituído no Gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe.¹³

¹³ LAURETIS, Teresa de. Op. cit. , p. 208.

A linguagem cinematográfica, apesar do tom de denúncia social, acaba trabalhando com um conhecimento socialmente partilhado, que naturaliza a desigualdade social, que estabelece o trabalho doméstico como função inferior e por isso destino natural da mulher negra.

O filme estabelece ainda uma continuidade entre o trabalho doméstico no Brasil escravista e a atividade doméstica na atualidade. Nas cenas em que o ônibus oscila sobre as ruas de uma cidade cinzenta levando as trabalhadoras para as suas casas o fundo musical lembra lamentos de escravizados, criando uma analogia com o navio negreiro. A trilha sonora foi feita por André Abujanra utilizando rodos, vassouras, e outros instrumentos usados no trabalho doméstico.

A noção de discurso também se estende à combinação entre símbolos, sons e imagens conforme Norman Fairclough.¹⁴ Construímos a analogia acima a partir do conhecimento social que compartilhamos com os que conceberam o filme. Tal imagem do navio negreiro moderno (o ônibus que leva as domésticas) não seria criada sem a analogia entre trabalhadora doméstica e escrava, comum em nossa sociedade, reiterada em outras partes do filme.

Essa ideia de que o trabalho doméstico atual é uma continuidade da escravidão pode ser encontrada em vários discursos, na mídia, nas falas das trabalhadoras domésticas, patroas e patrões, nas músicas¹⁵ e também na produção acadêmica. Tal representação social exerce a função de estabelecer o efeito de imobilidade, de ausência de transformação. Segundo Michel Gilly:

A representação assegura sua função de coerência, dando um estatuto central aos elementos que reafirmam a inércia de um modo de funcionamento conhecido, que traz segurança, mantém os costumes, protege das vertigens da mudança.¹⁶

Desconsideram-se as rupturas no processo histórico, a atividade doméstica remunerada difere totalmente das funções das mulheres escravizadas do passado. Mas trabalhar com a ideia de que não houve alteração, de que o trabalho das empregadas domésticas é uma continuidade da função das escravas domésticas no passado, tranqüiliza, minimiza as alterações causadas pela luta das trabalhadoras domésticas ao

¹⁴ FAIRCLOUGH, 2001 *apud* WIDHOLZER, Nara. *Gênero e discursos da mídia*. 2005, p.17

¹⁵ “Sou escrava independente, ganho menos que indigente...” (Trecho da música Balacobaco de Rita Lee)

¹⁶ GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: Denise (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ 2001. p. 327

longo do tempo para obterem alguns dos direitos trabalhistas desfrutados pelos demais trabalhadores.

Notamos que uma imbricação da característica étnica à profissão de doméstica permeia o filme. Roxane, Raimunda e Cida são as empregadas “brancas” que desfrutam de vida social fora do trabalho ou desejam abandoná-lo por outro projeto de vida. Roxane não se auto intitula doméstica, vê a profissão como algo provisório. Numa cena onde comem pizza ela diz: “Eu não sou doméstica, eu estou doméstica e é por pouco tempo”. Nesta mesma cena Roxane incorpora o papel de doméstica engraçada quando narra o abandono do curso de informática, em fala coloquial: “Eu olhava pro teclado levava xingo. Olhava prá tela errava tudo, agora eu vou fazer um curso de modelo.” Raimunda anseia pelo casamento para se “ajeitar” e diz: “Eu acho lindo mulher que tem filho”. E Cida cumpre dupla jornada, em casa das patroas e em sua própria casa e sonha em se realizar no casamento. Se não compartilham a condição étnica que as essencializa como domésticas, estão presas no sistema sexo-gênero, são domésticas por serem mulheres e enquanto tais buscam a realização no casamento.

Roxane foge do estigma de doméstica e passa a conviver com o de “puta”, pois é encaminhada para a prostituição por uma falsa agência de modelos. Nota-se o cinema como tecnologia de gênero que produz um determinado saber sobre as mulheres e assim exerce poder sobre estas, transformando-as em corpos dóceis, moldados por discursos que estabelecem lugares apropriados segundo sua condição étnica, de gênero e classe. Roxane é pobre e semi-alfabetizada, portanto, sua cor “clara” não lhe possibilita a ascensão social desejada, está condicionada pela sociedade patriarcal que estabelece lugares para as mulheres pobres, deixa de servir como doméstica para fazê-lo como prostituta. Não há espaço de liberdade, se antes queria se livrar do estigma da profissão de doméstica, agora se questiona: “O povo não vai apontar, lá vai a putinha? (...)será que se a mulher tiver um cliente só, ainda assim é puta?”

As mulheres negras no filme não têm perspectiva de existência fora do trabalho doméstico, suas vidas se organizam imbricadas ao exercício das funções em casas de seus patrões. Na mesma cena em que Roxane sonha trocar de profissão, e afirma que não é, mas está doméstica, Zefa, a empregada negra e idosa, enquanto cata feijão, afirma: “Eu graças a Deus, não sofro de ambição” ao que Roxane retorqui: “Cê é burra Zefa”. Quitéria, negra jovem que não se adapta às casas das patroas, é mostrada

como estúpida, não sabe pronunciar bem as palavras, não consegue identificar um objeto de valor de um traste qualquer, e assim quebra um vaso caro da patroa, não sabe usar o aspirador de pó, e por fim é enganada por ladrões que levam todos os móveis da patroa. O filme termina com Roxane prostituindo-se, Cida com um novo marido com o qual tem várias relações sexuais em vários espaços da casa, Rai casa-se como sempre sonhara, Zefa permanece na casa em que sempre trabalhou, Cléo encontra a filha, e Quitéria segue trocando de emprego.

Com a intenção de desvelar a condição das domésticas, o filme acaba por reafirmar certas representações sociais sobre as mesmas. Conforme Liliane Machado deve se buscar os regimes de verdade nos discursos midiáticos:

Os quais operam em uma via de mão dupla, já que, ao mesmo tempo em que instituem valores, por meio das representações sociais, revestem-nos de um essencialismo, como se o que é oferecido não passasse da mais pura verdade acerca do que se representa.¹⁷

Tais representações naturalizam a desigualdade social construindo posições hierárquicas com base em marcadores étnico-raciais e de gênero. O cinema veicula sentidos, conhecimentos socialmente compartilhados, “verdades” que colam aos corpos cunhando sujeitos sociais gendrados. Ao mesmo tempo produz conhecimentos sobre os grupos através do efeito de verdade que busca produzir. A atividade doméstica é mostrada como vil, desprezível, mas destino natural das mulheres negras e/ou pobres. Não há como fugir das funções “naturais” “da mulher”, servir na cama e no espaço doméstico, seja sua casa ou a “casa dos outros”¹⁸.

Referências

- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: Gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cadernos Pagu* (29), julho-dezembro de 2007.
- FAIRCLOUGH, 2001 *apud* WIDHOLZER, Nara. *Gênero e discursos da mídia*. 2005.
- FOUCAULT, Michel (1986) *apud* MACHADO, Liliane Maria Macedo. *E a mídia criou a mulher: Como a TV e o cinema constroem o sistema sexo-gênero*. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2006.
- GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: Denise (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. 2009, p.46

¹⁷ MACHADO, Liliane. *Op.cit* 2006, p.19

¹⁸ “Casa dos outros” é uma expressão utilizada pelas trabalhadoras domésticas para distinguirem o ambiente de trabalho remunerado, das próprias casas onde também trabalham, mas sem remuneração.

JODELET, Denise (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ 2001.
LAURETIS, Tereza de. Tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.